

RH ganha protagonismo na preparação de líderes para cenários de transformação com IA

Levantamento aponta que 61,7% de líderes e executivos C-level defendem que cabe ao RH preparar gestores capazes de conduzir equipes em meio a mudanças aceleradas no meio digital

O dado é da pesquisa “A Era da Eficiência – O RH como impulsionador das competências do futuro e das transformações com IA”, realizada na 27ª edição do HR First Class — um dos principais fóruns de Recursos Humanos do país, ocorrido na sexta-feira (26/09), em São Paulo, e que tem como patrocinadora master a Safe Care Benefícios.

Os resultados reforçam a visão de que o RH deixa de ser apenas gestor de processos para assumir um papel estratégico e cultural, responsável por formar lideranças adaptáveis, estimular inovação e desenvolver competências humanas que assegurem que a tecnologia seja uma aliada do crescimento sustentável das organizações.

Para os participantes, a prioridade número um é a formação de líderes capazes de guiar equipes em contextos de rápidas transformações. Além disso, 29,5% apontam a adaptabilidade e a aprendizagem contínua como as habilidades mais estratégicas, seguidas do pensamento crítico e da resolução de



problemas complexos com 27,5%.

Quando perguntados sobre como a inteligência artificial pode contribuir no desenvolvimento de pessoas, 48,3% destacaram a automação de tarefas administrativas — como processos burocráticos e análises operacionais —, abrindo espaço para que o RH direcione esforços a iniciativas de maior valor, como programas de liderança, ações de engajamento e fortalecimento da cultura organizacional.

Essa percepção reforça o entendimento de que a IA deve atuar como catalisadora de eficiência, permitindo que profissionais concen-

trem seu tempo naquilo que só o fator humano pode oferecer: criatividade, empatia e inovação.

O papel do RH frente à IA - A pesquisa também mostrou diferentes perspectivas sobre o papel da área diante da adoção da inteligência artificial. 42,3% dos respondentes veem o RH como agente de transformação cultural, conduzindo mudanças de mentalidade e preparando colaboradores para novos modelos de trabalho. Enquanto 22,1% entendem que o setor deve atuar como protagonista na definição de estratégias e políticas de adaptação, incluindo diretrizes éticas e programas de capacitação.

Esses dados revelam que, além de apoiar a gestão de pessoas, o RH será essencial para construir organizações mais ágeis, inclusivas e preparadas para o futuro.

Impacto esperado - Quanto aos impactos mais positivos da integração entre RH e IA, 50,3% dos respondentes destacaram o aumento da produtividade com equilíbrio entre tecnologia e capital humano.

“Esse equilíbrio indica que a tecnologia deverá potencializar o desempenho das equipes, ao mesmo tempo em que garante espaço para a criatividade, a inovação e a tomada de decisão baseada em valores humanos. Um caminho para transformar a IA em uma ferramenta de apoio estratégico e não em um substituto das relações de trabalho”, afirma Marcos Scaldelai, idealizador e curador do HR First Class.

Com base nos resultados, a pesquisa evidencia o protagonismo do RH nas transformações organizacionais, especialmente no preparo de lideranças aptas a conduzir equipes em um cenário de rápidas mudanças.

Instituto WorkLover nasce para reduzir o número de microempresas que fecham as portas no primeiro ano

Hub de pesquisa, educação e tecnologia inclusiva para capacitação empreendedora já impactou mais de 15 mil empreendedores em todo país. Tem aqueles que empreendem por necessidade, para outros, é uma oportunidade de ouro. Independente do lado que se esteja, abrir o próprio negócio é desafiador e requer aprendizado. Manter uma empresa em pé e ultrapassar o tempo de sobrevivência, já está provado que são poucos os que conseguem chegar.

Dados do Sebrae mostram que a taxa de falência das empresas é mais alta nos dois primeiros anos de atividade, cerca de 48% delas fecham as portas nesse período, principalmente por falta de organização financeira. Outro dado chama atenção, mais de 60% delas sobrevivem até o quinto ano de fundação, revelou o IBGE.

Inquieta e inconformada com estes números, a empresária santista, Paula Esteves, saiu na frente para mudar este cenário desafiador. Pesquisadora e docente, ela criou o Instituto WorkLover, uma organização sem fins lucrativos que transforma o empreendedorismo por necessidade em oportunidade. Com um tripé desenhado e ancorado em experiência, conhecimento, gestão financeira, tecnologia inclusiva e pesquisa, a empreendedora acredita que seu trabalho impactará na redução da mortalidade dos pequenos negócios no Brasil e, consequentemente, no aumento da receita.

“Ao ouvir dezenas de histórias, percebi um padrão de erros recorrentes. Negócios sem propósito claro, contas pessoais misturadas com a da empresa, além de falta de planejamento e organização financeira. O empreendedor precisa organizar as finanças antes de buscar crédito, entender que o recurso não está estritamente ligado a aumento de faturamento, pelo contrário, está associado em muitos casos ao risco de inadimplência e queda de sustentabilidade.”, explica a especialista.

Com base em resultados comprovados, a educação individualizada — apoiada em metodologias práticas e mentorias — pode



Paula Esteves.

ser escalada com qualidade e impacto. Essa evidência levou governos e parceiros a adotarem a formação empreendedora antes do crédito como Política Pública no Estado de São Paulo, beneficiando milhares de microempreendedores.

Após passar por uma grave intercorrência de saúde que quase ceifou sua vida, Paula decidiu que dedicaria seu trabalho para ajudar outros empreendedores e, assim, deixar um legado. Foi a partir desses gatilhos que criou o Método P, inspirado nos 4 Ps do marketing de Philip Kotler e expandido para os 12 Ps do empreendedorismo. “Além de aplicação do método, o Instituto atua como um hub que conecta governos, empresas e comunidades, sendo possível oferecer educação individualizada”, diz.

Nos últimos cinco anos, a executiva já realizou mentoria para mais de cinco mil empreendedores no Brasil, sobretudo em áreas de alta vulnerabilidade social. Da sala de aula, ao propósito claro de fomentar o empreendedorismo de necessidade em oportunidade. É desta forma, atrelando conhecimento e tecnologia, que Paula leva educação para todos os cantos do país, passando pela periferia até chegar à política pública. “Com educação temos o aumento rápido de faturamento e queda da inadimplência”, assessora a empresária que já trabalhou para a FGV, Itaú Personnalité e Kroll.

Inovação e tecnologia em educação empreendedora

Criadora da metodologia Stop & Go®, que combina aulas práticas e mentorias personalizadas, validada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e licenciada pela Fundação Dom Cabral (FDC), foi aplicada em escala no programa Empreenda SP para 10 mil alunos atendidos em parceria com o Governo do Estado de São Paulo e com o Banco do Povo, mas o entendimento mais profundo veio com a prática em campo.

“No programa Donas de Si, em Paraisópolis, realizado em parceria com o G10 Favelas e o G10 Bank, percebi que antes mesmo de falar de capital de giro, os empreendedores precisavam de algo mais básico: separar finanças pessoais e do negócio. Muitos não tinham computador, então enviavam fotos de recibos por WhatsApp para que os mentores lançassem em planilhas. Essa experiência direta com mais de 400 empreendedores formados mostrou a raiz do problema”, conta.

No Programa Qualifica Empreenda SP, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo, 35% dos empreendedores que aplicaram o programa inicialmente, optaram por não tomar crédito. E ainda assim, houve aumento médio de 42% no faturamento das empresas logo no primeiro mês após início do programa. Já no Programa Donas de Si, cerca de 90% optaram por seguir sem crédito, mostrando que o problema não era falta de crédito, mas falta de clareza sobre o negócio. “Houve aumento médio de até quatro vezes o faturamento em apenas dois meses. Isso mostra que, com organização mínima, muitos empreendedores conseguem crescer sem endividamento”.

O Instituto já recebeu atestados oficiais de capacidade técnica do Governo de SP e executou projetos em larga escala com parceiros como o G10 Favelas, Sebrae e FDC. Esse histórico garante solidez para novos contratos e expansão nacional. Saiba mais: institutoworklover.org.

SUS – 35 anos!

Dimas Ramalho (*)

Era 1988 quando o Brasil deu um passo decisivo rumo à democracia. Recém-saído de duas décadas de ditadura, o país escrevia uma nova Constituição, moldada pelos ideais de justiça, inclusão e dignidade. Naquele momento histórico, uma frase ecoou com força e esperança: “Saúde é direito de todos e dever do Estado.” Nascia ali, mais do que um artigo constitucional, um compromisso com a vida. Dois anos depois, em 19 de setembro de 1990, esse lema ganharia corpo e substância com a criação do Sistema Único de Saúde — o nosso SUS.

Agora, em 2025, ao completar 35 anos de existência, o SUS pode ser considerado uma das maiores invenções coletivas do povo brasileiro. Em um país marcado por desigualdades sociais gritantes, ele é o elo que une milhões de pessoas em torno de um ideal comum: o acesso gratuito e universal à saúde. Não importa se você está no sertão nordestino, na periferia das grandes cidades ou numa aldeia indígena da Amazônia. O SUS está lá — cuidando, vacinando, tratando, prevenindo.

Não existe no mundo um sistema com tamanha capilaridade e abrangência. E ele não se limita a hospitais: está nas Unidades Básicas de Saúde, nas ambulâncias do Samu, nos centros de saúde mental, nas salas de vacinação, nos laboratórios de vigilância sanitária, nas farmácias populares e nas unidades de pronto-atendimento. Embora seja para todos, é sobre os mais vulneráveis que recai sua importância mais decisiva: para milhões, o SUS é a única porta aberta para cuidar da saúde.

Ao longo dessas três décadas e meia, o sistema acumulou vitórias que transformaram o Brasil. Foi assim quando, num gesto corajoso, o país decidiu distribuir gratuitamente medicamentos antirretrovirais para pessoas vivendo com HIV/AIDS, desafiando o mercado e salvando milhares de vidas. Foi assim quando criou um dos maiores programas públicos de transplantes do planeta. Em 2024, bateu recorde: 30.303 transplantes de órgãos e tecidos, 85% totalmente financiados pelo SUS.

Se hoje o Brasil é exemplo mundial na luta contra o tabagismo, com uma das menores taxas da América Latina, isso se deve a políticas coordenadas entre vigilância sanitária, campanhas educativas e apoio ao tratamento, todas lideradas pelo mesmo sistema que também se tornou essencial nas emergências médicas com o Samu 192, levando atendimento pré-hospitalar rápido a lugares onde, antes, ninguém respondia aos gritos por socorro.

Mas é na base que acontece a revolução mais silenciosa. A Estratégia Saúde da Família, modelo de atenção primária utilizado no Brasil desde 1994, acompanha o cidadão desde o nascimento, prevenindo doenças, monitorando condições crônicas e formando vínculos duradouros entre profissionais e comunidades. É ali que a saúde começa de

verdade, nos pequenos gestos, nos acompanhamentos de rotina, na escuta atenta de quem cuida. A força do SUS também se expressa na vacinação infantil. Graças ao Programa Nacional de Imunizações, o Brasil erradicou doenças como a poliomielite, tornando-se exemplo mundial em campanhas de vacinação em massa.

Mas o sistema também enfrenta desafios profundos e persistentes. O mais estrutural deles é o subfinanciamento crônico. Desde sua criação, o sistema opera com menos recursos do que necessita. As verbas, embora crescentes em valores nominais, não acompanham plenamente as necessidades demográficas, epidemiológicas e tecnológicas. A judicialização crescente, com decisões que obrigam a compra de medicamentos fora da lista oficial, impõe custos imprevisíveis.

Segundo estimativas da Instituição Fiscal Independente, o gasto com saúde pública precisará crescer cerca de R\$ 10 bilhões anuais nos próximos anos, ou 3,9% ao ano, para garantir um SUS minimamente adequado à demanda da população.

Sem esse acréscimo, o sistema continuará convivendo com filas longas, espera por exames, carência de profissionais e infraestrutura deficiente, especialmente nas regiões mais pobres.

Mesmo assim, o SUS resiste. Porque é sustentado não apenas por recursos públicos, mas por uma legião de profissionais dedicados, por comunidades que participam de conselhos de saúde, por movimentos sociais que pressionam por melhorias e, sobretudo, por uma população que aprendeu enxergá-lo como um patrimônio coletivo.

Durante a pandemia da Covid-19, o SUS mostrou toda sua força. Foi ele quem estruturou a testagem, os leitos de UTI, o rastreamento de casos e, principalmente, a vacinação em massa. Em meio ao caos, o SUS foi abrigo. Foi escudo. Foi esperança. E provou, mais uma vez, que um país sem sistema público de saúde forte está à mercê da tragédia.

Agora, aos 35 anos, o SUS precisa mais do que homenagens. Precisa de compromisso. É hora de romper com as amarras do subfinanciamento, fortalecer a atenção primária, investir em ciência e inovação, valorizar seus trabalhadores e qualificar a gestão pública com foco em eficiência e transparência. É hora de enxergar o Sistema Único de Saúde não como um custo, mas como um investimento em vidas, em cidadania, em futuro.

O SUS não é perfeito, mas uma obra em eterna construção — coletiva, democrática, viva. E cabe a todos nós zelar por ela. Porque onde houver um posto de saúde funcionando, uma vacina sendo aplicada ou uma ambulância salvando alguém, ali estará o SUS cumprindo sua promessa.

(*) Vice-presidente do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo.